

ESTUDANTES SEM CRÉDITO

Mesmo abrindo 42 mil novas vagas, o programa Crédito Educativo deixou de fora 510 mil alunos. Em 1996, sobraram 130 mil

Marina Oliveira
Da equipe do **Correio**

Depois de três anos sem abrir novas vagas para o programa de Crédito Educativo (Creduc), o governo conseguiu fazer, nos últimos nove meses, dois períodos de inscrição consecutivas e incluir mais 42 mil alunos no programa. Mesmo assim, 510 mil estudantes inscritos ficaram de fora — número maior do que o total de universitários das instituições públicas de ensino superior de todo o país.

O aumento na demanda pelo crédito, nas vagas abertas em junho, surpreendeu até o Ministério da Educação (MEC). Isso porque em novembro do

ano passado, quando 12 mil vagas foram distribuídas pelo Creduc, o número de inscritos não atendidos ficou em 130 mil. Os motivos: a procura inédita da classe média pelo crédito e a pequena quantidade de recursos disponíveis em relação ao tamanho da demanda existente nas universidades particulares.

Segundo Cristina Pires, coordenadora do programa no MEC, o perfil de quem pedia ajuda do governo, há cinco anos, era o do estudante pobre. "Com o crescimento do desemprego e o achatamento salarial, a classe média veio engrossar o número de pessoas pleiteando financiamento", analisa Cristina.

Criado há 21 anos, o Creduc deveria funcionar como um fundo rotativo — o governo custearia os estudos de universitários carentes e este, depois de formados, devolveriam o empréstimo e assim sempre haveria recursos para realimentar o programa. O dinheiro para financiar o Creduc vem de três fontes principais: do orçamento da União, de 30% da arrecadação das loterias federais e do pagamento de empréstimos feitos.

Mesmo nos tempos de inflação alta, as prestações eram pré-fixadas. Com isso perderam completamente o valor quando da amortização e o programa acabou levando um prejuízo enorme. Além disso, muitos estudantes deram o calote no financiamento e a taxa de inadimplência chegou a atingir 80%.

Como a abertura de novas vagas depende da quantidade de dinheiro disponível para o programa, durante muito tempo não se podia prever quando haveria novas inscrições. A situação mudou um pouco. Hoje, o contrato é negociado com juros compatíveis com a realidade do mercado (veja quadro).

Além disso, o MEC e a Caixa Econômica Federal — administradora do Creduc — resolveram ir atrás de quem não tinha pago. Os devedores foram convocados para renegociar suas dívidas. Até o dia 31 de julho, 3.810 pessoas tinham acertado suas contas com o programa. A estimativa é de conseguir R\$ 50 milhões até o final

do ano com a renegociação dos contratos. Contando com esse dinheiro, o governo abriu 12 mil vagas no final de 1996 e 30 mil este ano.

Pela primeira vez, em 21 anos, o MEC divulgou publicamente o número de bolsas concedidas a cada uma das 734 instituições credenciadas no programa. Isso acabou com um problema de uso político do crédito.

Os reitores não sabiam quantas vagas tinham recebido do ministério e os políticos costumavam procurá-los dizendo que haviam usado sua influência para aumentar a cota da instituição. Em troca, pediam para que alguns dos seus apadrinhados, matriculados na faculdade, recebessem o crédito.

Ronaldo de Oliveira



Fátima custeou os estudos com ajuda do Crédito: "Pagava uma quantia mínima de devolução do empréstimo"